

Sarney culpa Ulysses por dificultar governo

"Foi tudo muito difícil, dramático até. Eu vinha do outro lado, de outro partido. Não havia clima emocional e político para mudanças, para iniciativas. Qualquer medida importante tinha de consultar o Dr. Ulysses e o seu PMDB, principalmente o Dr. Ulysses, o nosso primeiro-ministro". O desabafo foi feito ontem pelo presidente Sarney ao receber, para o café da manhã, no Palácio da Alvorada, um grupo de jornalistas que o acompanha desde a época em que era deputado federal (1958-1965) pela ala da UDN, conhecida como Bossa Nova.

Na conversa informal, o presidente afirmou que não será candidato a nada nas eleições de 3 de outubro e reafirmou sua disposição de voltar para sua terra, o Maranhão, onde pretende ler e escrever muito sobre ficção e realidade. E admite, inclusive, vender o sítio de São José do Pericumã, que possui a 60 km do centro de Brasília. Sobre o governo de seu sucessor, sorrindo, ele comentou: "Estou impedido de falar". E logo concluiu: "Não posso dizer o que espero do novo presidente".

Sarney reconheceu que poderia ser eleito senador pelos Estados do Maranhão ou Goiás, mas insistiu em que não será candidato. Ele preferiu falar, de forma entusiasmada, sobre o que classificou de grande conquista democrática do seu governo, do "êxito total" da transição do regime autoritário para o democrático. Sarney destacou, em especial, a "plena liberdade de opinião", que deixará ao seu sucessor.

"O País não está parado, muito menos a economia", disse o presidente, tomando um suco de laranja e comendo um pedaço de queijo mineiro. Tirou do bolso uma folha de papel com dados do Banco Central sobre o crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB) para anunciar, sem esconder sua satisfação: "Nossa economia cresceu 25% nos últimos cinco anos".

No governo Geisel, lembrou Sarney, o crescimento do PIB foi de 38%, no governo Figueiredo, 13,89% e no governo Sarney, ele garante, de 23,79% — que chegará a 25% (total acumulado).

Proálcool

Tomando café com leite com adoçante, o presidente concordou com os comentários dos jornalistas de que a crise do álcool está desgastando muito seu final de governo.

Alton C. Freitas



Sarney ficará fora da política

"E verdade. Tudo que acontece de errado no Brasil a culpa é logo do Sarney" — desabafou.

Lembrou que há mais de um ano os técnicos previram problemas no abastecimento a álcool, daí a decisão de importar metanol. "Nos Estados Unidos o metanol vem sendo usado com sucesso. No Brasil, porém, qualquer juiz pode impedir que superemos a crise do álcool, proibindo o uso de metanol" — disse Sarney. O problema serviu também de pretexto para novas críticas à Constituição. Segundo ele, a nova carta é que permite a qualquer juiz sustar, quaisquer providências do Executivo, retardando as soluções. O presidente deixou claro que a crise do Proálcool só poderá ser superada com a utilização do metanol.

Voltando a falar da Constituição, Sarney queixou-se da demora do Congresso na aprovação do orçamento para 90.

"Acho que só lá pelo dia 10 de fevereiro, o Congresso aprontará o orçamento", afirmou, para logo após criticar: "Foi um absurdo o

que aconteceu, com milhares e milhares de emendas, o que provocou um verdadeiro rateio entre parlamentares. Por isso é que digo sempre — a nova Constituição dificultou muito as ações do Executivo" — afirmou, muito aborrecido.

Constituinte

Para Sarney, duas grandes oportunidades foram perdidas para mudar o País — na elaboração da nova Constituição e na recente campanha eleitoral. "Nos debates da Constituinte faltou examinar, em profundidade, os problemas nacionais, suas origens e condições para resolvê-los. Na campanha eleitoral não houve debates sobre o que fazer com o Estado e com a Nação" — observou.

— Por que o senhor não enviou proposta de Constituição ao Congresso-Constituinte?

— Até pensei em submeter um texto aos constituintes. Desisti, depois de alertado pelo Dr. Ulysses. Ele me disse que o projeto do Planalto seria, sumariamente, arquivado.

— O senhor acha que a solução para a crise será o parlamentarismo?

— Acho. Sempre fui parlamentarista. Com o quadro atual, porém, o parlamentarismo não daria certo. Nos trabalhos da Constituinte fizemos reunião aqui mesmo, no Alvorada, com lideranças partidárias para examinar o parlamentarismo. Acabei desaprovando. Elas não queriam o parlamentarismo, mas o assembleísmo. Isto é, o parlamentarismo sem possibilidade de dissolução do Congresso.

Como num desabafo, terminando seu café, Sarney observou que foi enorme seu trabalho na presidência, lembrando o drama que passou, substituindo Tancredo Neves de forma inesperada.

O presidente lembrou ainda que foi sua a iniciativa de discutir questões sociais com dirigentes sindicais, mencionando as milhares de greves que seu governo enfrentou, "sem nunca radicalizar ou reagir com violência". Comentou, também, que é impossível evitar excessos, de governantes autoritários e de governantes democráticos.

"Nos dois casos há os que procuram criar excessos mas vocês são testemunhas da minha tolerância, da minha compreensão, tudo fazendo para garantir a transição. E consegui", concluiu.